



**PRIMEIRO  
MINISTRO**

**DISCURSO DE  
SUA EXCELÊNCIA KAY RALA XANANA GUSMÃO  
O PRIMEIRO-MINISTRO E  
PERSONALIDADE EMINENTE DO g7+**

**PRESERVANDO A PAZ EM TEMPOS TURBULENTOS; A  
GRANDE VISÃO DO g7+**

**6.ª REUNIÃO MINISTERIAL DO g7+**

Díli, Timor-Leste

11 de abril de 2025

**Caríssimo Presidente da República**

**Excelências**

**Presidente do Parlamento**

**Ministra do Planeamento e Desenvolvimento Económico de Serra Leoa e  
Presidente do g7+**

**Ministros e Representantes dos Países do g7+**

**Deputados do Parlamento Nacional de Timor-Leste**

**Embaixadores, membros da Academia, Setor Privado e Sociedade Civil**

**Senhoras e Senhores**

É com grande prazer que vos dou as boas-vindas a Díli, o lar do g7+.

Há quinze anos, subi a este mesmo palco como Primeiro-Ministro de Timor-Leste, por ocasião do primeiro encontro do g7+. Na altura, o nosso grupo ainda não era formalmente reconhecido, e os nossos membros era de metade do que são hoje. O Sudão do Sul ainda não tinha alcançado a independência, e Timor-Leste era ainda a nação mais jovem do mundo. **No entanto, apesar da nossa fragilidade, unimo-nos em torno de uma visão arrojada – uma visão de paz, resiliência e do direito dos nossos países a moldar os seus próprios destinos.**

Desde o início, acreditei que este grupo tinha potencial para crescer – não apenas em número, como também em influência. Insisti que devíamos continuar a expandir-nos, institucionalizar os nossos esforços e reforçar a nossa capacidade de harmonizar e alinhar a assistência internacional com as nossas prioridades, assegurando que esta servisse verdadeiramente as necessidades dos nossos povos, em vez de ser ditada por agendas externas.

O g7+ nasceu de lutas comuns, de países que sofreram guerras, instabilidade e intervenções externas que muitas vezes falharam em trazer paz duradoura. Demos as mãos para melhorar a eficácia do sistema de ajuda global, partilhar experiências entre nós e apoiar-nos mutuamente na construção de um novo modelo de desenvolvimento – um modelo guiado por uma visão de paz duradoura e autossuficiência.

Apesar de irmos de diferentes geografias, culturas e sistemas políticos, unimo-nos em torno de um entendimento comum: **que o sucesso de criar, construir e sustentar a paz depende da nossa capacidade de assumir plenamente o controlo do nosso percurso.**

Um ano após a primeira reunião, viajei para Juba, no Sudão do Sul, para o segundo encontro do g7+. Podemos dizer que foi um "retiro do g7+". Na altura, o Sudão do Sul acabava de conquistar a independência. Vi no seu povo a mesma aspiração por prosperidade que testemunhara em Timor-Leste após a nossa longa luta. A sua determinação por um futuro melhor reafirmou a nossa missão coletiva: **garantir que**

**os nossos países não são tratados como problemas a resolver, mas sim como nações com potencial para liderar a sua própria transformação.**

Saímos de Juba com grande entusiasmo, determinados a mudar o sistema de ajuda internacional, que durante muito tempo falhou para com os nossos países. Nesse mesmo ano, aprovámos o “Novo Acordo para o Envolvimento em Estados Frágeis” (New Deal), um quadro que visava alterar as dinâmicas de poder na cooperação internacional, dando aos Estados afetados por conflitos o controlo sobre os seus próprios processos de construção da paz e desenvolvimento. Este acordo pretendia redefinir a narrativa global, assegurando que os nossos países não fossem meros beneficiários de ajuda, mas sim parceiros iguais no seu desenvolvimento.

O Novo Acordo foi uma conquista significativa, influenciando a agenda global de desenvolvimento e levando à inclusão de um objetivo específico sobre paz (ODS 16) na Agenda 2030. **Contudo, apesar deste sucesso, os comportamentos das instituições internacionais e dos países doadores não mudaram.** A arquitetura da ajuda permaneceu presa a modelos ultrapassados, gerindo a fragilidade em vez de ajudar os países a superá-la.

Hoje, ao reunirmo-nos 15 anos depois, o g7+ tornou-se uma plataforma mais forte e estruturada, com um estatuto formal e estatuto de observador nas Nações Unidas. Tem agora um impacto mais significativo no discurso político global, sendo reconhecido como uma voz influente para os países afetados por conflitos. Através da aprendizagem entre pares e da cooperação, promoveu a solidariedade e a partilha de conhecimento entre os seus membros, reforçando a nossa capacidade coletiva de enfrentar desafios. Estas conquistas, com muitos outros marcos que o Secretariado do g7+ destacará hoje, são um testemunho da nossa unidade, resiliência e compromisso inabalável com a causa deste grupo. **Deixo o meu louvor a todos os Estados-membros e ao incansável trabalho do Secretariado, cujo papel tem sido essencial na concretização da nossa visão comum.**

Contudo, ao revermos os nossos progressos, devemos perguntar: em que ponto se encontram os nossos países? O sistema internacional evoluiu para melhor servir os países em situação de fragilidade, ou continuamos a enfrentar os mesmos desafios? Qual deve ser o rumo da nossa jornada coletiva daqui em diante?

**A triste realidade é que, embora o g7+ tenha ganho influência, o mundo encontra-se em turbulência.**

Os conflitos tornaram-se mais prolongados e devastadores. A desigualdade e a instabilidade política continuam a alimentar novas crises. A emergência climática representa uma ameaça à sobrevivência da humanidade, agravando a fome, o deslocamento forçado e a escassez de recursos. As próprias instituições criadas para salvaguardar a paz global falharam em responder a estes desafios. Em vez de trabalhar por um mundo justo e inclusivo, as nações poderosas continuam a moldar as políticas globais com base nos seus interesses estratégicos, enquanto a grande maioria dos países do sul global continua marginalizada.

Excelências,  
Caros amigos,  
Senhoras e Senhores,

Em 2013 realizei a minha segunda missão ao Sudão do Sul. Além dos encontros com os líderes do país, visitei a aldeia de Malou, no Estado de Jonglei, onde o Governo de Timor-Leste tinha atribuído uma pequena verba com vista à construção de uma escola primária. Mais uma vez, emocionei-me com a resiliência e a determinação do povo, com a sua vontade inabalável de paz e estabilidade, apesar das dificuldades vividas.

Contudo, camuflada nesta esperança, percebia-se uma tensão política e um receio não declarado de uma crise iminente. Apresentei um apelo sincero aos líderes do Sudão do Sul para que fizessem tudo ao seu alcance para evitar que o conflito se instalasse. Pela dolorosa experiência de Timor-Leste, sabia quão difícil é reconstruir a paz depois de um país mergulhar numa guerra civil. Alertei-os de que, se o conflito rebentasse, levaria anos – talvez décadas – a restaurar a estabilidade, e o custo em vidas humanas seria imenso.

Tragicamente, poucos dias após a minha visita, o Sudão do Sul mergulhou num conflito que se prolongaria por anos, causando centenas de milhares de mortes, deslocamentos em massa, fome e pobreza crescente.

Particpei no segundo retiro ministerial do g7+ no Haiti em 2012, um país que há muito sofre de instabilidade política, desastres naturais e dificuldades económicas. Durante a minha visita, testemunhei o desejo comum de paz, estabilidade e reconstrução em todos os sectores da sociedade haitiana. Apesar dos desafios de governação, crises de segurança e desastres humanitários recorrentes, a resiliência do povo haitiano continua intacta.

No entanto, como muitos dos nossos países, o Haiti tem sido deixado à mercê de intervenções externas que frequentemente falham em abordar as causas profundas da sua fragilidade. Apresentei um apelo aos seus líderes para tomarem as rédeas do seu futuro, salientando que a apropriação nacional e a unidade são o único caminho para quebrar o ciclo da instabilidade.

Liderei uma missão à Guiné-Bissau em 2014 – um país que tinha sido abandonado pela comunidade internacional – para partilhar as nossas experiências sobre paz e democracia com base nos princípios do g7+. Levei a mensagem de paz, apelando à estabilidade e à democracia. Repeti o mesmo apelo aos líderes: que respeitassem a vontade do povo e evitassem meios antidemocráticos para alcançar o poder.

Liderei também missões do g7+ à República Centro-Africana (RCA) em 2014 e 2015 para facilitar o diálogo entre facções em conflito, com base nas nossas próprias experiências de resolução de conflitos e reconciliação. Reuni-me com cidadãos, comunidades deslocadas e os líderes dos grupos em conflito. Todos partilhavam uma

aspiração comum: paz e estabilidade no seu país. **As suas vozes eram claras; ansiavam pelo fim da violência que dividira a nação.**

Como resultado dos nossos esforços, foi criado o Fórum de Bangui, uma plataforma que reuniu todas as partes interessadas num renovado esforço de paz. Este processo levou a um acordo com disposições essenciais como o desarmamento, a desmobilização, a reintegração e a repatriação – passos fundamentais para quebrar o ciclo de conflito.

Para garantir a implementação destes compromissos, procurámos apoio junto de doadores bilaterais e multilaterais. Batemos às portas do Banco Mundial e de outras instituições internacionais, apresentando um apelo firme por apoio financeiro para este país rico em recursos, mas negligenciado. Em vez de ação, fomos recebidos com atrasos burocráticos e indiferença. **Foram feitas promessas, porém o apoio concreto não se concretizou – um lembrete cruel das falhas do sistema de ajuda quando os Estados frágeis mais necessitam.**

Durante a nossa reunião em Cabul, Afeganistão, em 2016, levei comigo as experiências de diálogo nacional e reconciliação que tinham sido instrumentais na estabilização de outros países afetados por conflitos. Em 2016, na Reunião Ministerial do g7+, partilhei essas lições com os líderes afegãos, sublinhando que a reconciliação e o diálogo inclusivo eram o único caminho para uma paz sustentável.

Após a reunião ministerial, mantive reuniões bilaterais com dirigentes do governo afegão, incentivando-os a iniciar um verdadeiro diálogo nacional – um processo que incluísse todas as facções e vozes da sociedade afegã. Defendemos com firmeza um diálogo intra-afegão, um processo que permitisse ao país assumir o controlo do seu próprio esforço de paz em vez de depender de soluções externas. Apelámos também à comunidade internacional para apoiar este esforço, advertindo que, sem um processo de reconciliação conduzido localmente, o futuro do Afeganistão permaneceria incerto.

**Todavia, os nossos apelos caíram em ouvidos moucos. A comunidade internacional manteve-se firme na sua própria abordagem, recusando reconhecer que soluções impostas do exterior não trariam uma paz duradoura.** Em vez de escutarem as vozes do povo afegão, que sofreu décadas de guerra, instabilidade e intervenções estrangeiras, as potências globais prosseguiram os seus interesses, tratando o Afeganistão como peão em jogos geopolíticos, em vez de uma nação com direito a definir o seu próprio destino.

Após 20 anos da chamada "guerra ao terrorismo", o Afeganistão foi deixado à sua sorte. Os mesmos atores internacionais que justificaram a intervenção em nome da estabilidade abandonaram o país, deixando para trás incerteza, sofrimento e uma luta inacabada pela paz. Foi um lembrete doloroso de que, quando a paz é ditada por forças externas em vez de moldada pela vontade do povo, está condenada a ser efémera.

Visitei a República Democrática do Congo (RDC) e fiquei profundamente impressionado tanto com a resiliência do seu povo como com o imenso potencial inexplorado da nação. **Este é um país rico em recursos naturais, um país que, se lhe fosse dada a oportunidade, poderia impulsionar o desenvolvimento de toda uma região.** A sua imensa riqueza mineral, terras férteis e posição estratégica deveriam tê-lo tornado num pilar de estabilidade e prosperidade em África.

Contudo, em vez de prosperidade, a RDC tem sido assolada por conflito e exploração. Parte o coração ver como esta grande nação se tornou vítima da ganância global, onde corporações multinacionais, potências externas e interesses instalados prosperam com a sua instabilidade. Em vez de promoverem o desenvolvimento, extraem riqueza da terra enquanto deixam um rasto de destruição.

**Hoje, a região oriental da RDC continua mergulhada em violência, um conflito que não é apenas de causas internas, mas alimentado por atores externos e rivalidades regionais.** O sofrimento do seu povo não é um acidente, é consequência de uma exploração deliberada e de uma negligência da comunidade internacional.

Enquanto os líderes mundiais emitem declarações de condenação, as suas palavras não são acompanhadas de ação, nem de um compromisso real para acabar com o sofrimento dos inocentes. A RDC, como tantos dos nossos países, continua a ser um exemplo claro de como os Estados frágeis são deixados a defender-se sozinhos enquanto as potências globais priorizam os seus interesses em detrimento da paz e estabilidade. Esta é a dura realidade que devemos enfrentar, e é por isso que o g7+ deve continuar a lutar por um mundo onde os nossos países deixem de ser peões nos jogos dos poderosos e passem a ser arquitetos dos seus próprios futuros.

Tenho acompanhado de perto o percurso de outros países membros do g7+, testemunhando tanto o progresso como as lutas persistentes. Fico satisfeito por ver a Somália a dar passos no sentido da autossuficiência, quebrando gradualmente o ciclo de dependência internacional. A resiliência do seu povo e a determinação da sua liderança em recuperar a soberania sobre o seu desenvolvimento e segurança são louváveis.

Ao mesmo tempo, continuo profundamente preocupado com o Líbano, uma nação apanhada no fogo cruzado de rivalidades hegemónicas. **O que foi um dia uma terra de grande história e cultura tornou-se num campo de batalha de interesses externos, com o seu povo a suportar o peso da guerra, da fome e do deslocamento.** O sofrimento do Líbano é um lembrete cruel de como os países afetados por conflitos são demasiadas vezes transformados em arenas de disputas geopolíticas em vez de beneficiários de apoio genuíno à paz e estabilidade.

Quantos mais dos nossos países têm de continuar a sofrer até que o mundo ouça? Devemos agora perguntar-nos, continuamos à espera que o mundo mude, ou tomamos as rédeas do nosso futuro? É tempo de aceitar uma verdade dolorosa: o sistema global, liderado pelas nações poderosas, tem-nos falhado repetidamente. **Mas, como líderes, também devemos reconhecer a nossa própria**

**responsabilidade e agir em conformidade.** O destino dos nossos países não está nas mãos dos outros, está nas nossas mãos. Devemos lembrar-nos de servir os nossos povos com paciência, dedicação e humildade.

É neste contexto que acredito firmemente que **o g7+ reuniu lições e experiências suficientes para assumir o controlo do seu próprio destino.** Não podemos mais dar-nos ao luxo de esperar por soluções externas que muitas vezes falham em responder às nossas realidades. **A nossa maior força reside na solidariedade entre os nossos Estados-membros** – uma unidade construída sobre lutas partilhadas, resiliência e a aspiração coletiva por paz e estabilidade.

Por isso, gostaria de propor **três pontos-chave de ação** como o nosso roteiro coletivo para transcender a retórica e criar um impacto real e duradouro na vida dos nossos povos:

**Primeiro:** Décadas de conflito e guerra deixaram divisões profundas, sociais, políticas e institucionais nos nossos países. Estas divisões não são apenas resquícios do passado; são as fissuras por onde se infiltram guerras por procuração, transformando os nossos países em campos de batalha de interesses externos. Feridas não saradas torna-se fértil para conflitos recorrentes, perpetuando o ciclo de violência através das gerações. A menos que enfrentemos estas divisões e trabalhemos por uma reconciliação genuína, a paz continuará frágil e a instabilidade persistirá.

Apelo, por isso, a que forcemos coletivamente os nossos esforços para promover o diálogo nacional e a reconciliação como o único caminho sustentável para resolver os conflitos. **A cura deve preceder a política.** Nós, como membros do g7+, temos a autoridade moral e a experiência direta para defender a reconciliação – não como uma agenda imposta do exterior, mas sim como um processo essencial liderado por quem viveu a guerra e compreende as suas consequências.

Temos poder para o fazer porque os nossos atos são guiados pela solidariedade, não por interesses políticos ou económicos. Não estamos aqui para ditar soluções, mas para nos apoiarmos mutuamente como parceiros na paz. Apelo às Nações Unidas para reconhecerem e apoiarem esta missão. Proponhamos, juntos, ao Secretário-Geral da ONU a nomeação de um Enviado Especial para o g7+. Um enviado que possa trabalhar ao nosso lado para promover a reconciliação, mediar conflitos e ajudar a acabar com as guerras onde ainda persistem.

**E isto não é apenas uma proposta, mas uma necessidade urgente, para não ficarmos para trás.** Se o mundo deseja verdadeiramente a paz, então deve investir no diálogo e na reconciliação, e não na gestão e contenção dos conflitos. Sejamos nós a liderar esse caminho.

**Segundo:** Apesar de sermos rotulados como "frágeis", os nossos países encerram uma imensa sabedoria e experiência que podem inspirar reformas significativas a nível de construção de Estado. As nossas lutas tornaram-nos especialistas em superar a adversidade, e as lições que aprendemos são inestimáveis.

Congratulo-me com o facto de o g7+ ter tomado a iniciativa de reunir praticantes dos nossos Estados-membros para conceber um quadro de aprendizagem entre pares. Este quadro, que foi discutido em Abu Dhabi (e será discutido no âmbito da agenda desta reunião), tem potencial para se tornar o nosso plano de base para moldar políticas, fortalecer instituições e orientar o nosso trabalho de defesa no palco global. Em vez de dependermos apenas de modelos externos que não refletem as nossas realidades, podemos usar o nosso conhecimento coletivo para propor soluções que funcionem para nós.

Hoje, mais do que nunca, devemos confiar na nossa própria sabedoria para nos guiar. Aproveitemos esta oportunidade para transformar as nossas experiências partilhadas numa força poderosa de mudança, moldando o futuro da construção da paz, da governação e do desenvolvimento sustentável nas nossas nações.

**Terceiro:** a comunidade internacional, independentemente de se tratar de doadores tradicionais ou novas potências emergentes, deve ver-nos como parceiros iguais na prosperidade partilhada e como uma ponte para um mundo mais pacífico. Deve ultrapassar a visão de Estados frágeis como beneficiários permanentes de ajuda e, em vez disso, investir na nossa resiliência. Um g7+ mais estável significa menos crises, menos guerras e, em última análise, menor necessidade de ajuda internacional. Em vez de reagir aos conflitos após rebentarem, deve investir na prevenção das guerras antes que comecem. As Nações Unidas e as instituições multilaterais devem também reconhecer a nossa sabedoria e incorporar as nossas experiências vividas nas suas políticas. Os Estados frágeis não são apenas atores passivos no sistema internacional; temos conhecimento que pode contribuir para os esforços globais de construção da paz.

**Quarto e último:** Apelo a todos os Estados-membros do g7+ para que mobilizem capital político e invistam no fortalecimento da nossa causa comum. **O g7+ foi fundado sobre o alicerce da solidariedade, um princípio muitas vezes negligenciado – ou mesmo descartado – pelos especialistas tradicionais em relações internacionais.** Ao contrário das alianças formadas por conveniência política ou competição estratégica, a nossa unidade está enraizada numa luta comum por paz, estabilidade e autodeterminação.

Temos o potencial de salvaguardar a paz nos nossos países, de resistir à interferência externa e de impedir que as nossas nações se tornem, novamente, campos de batalha de rivalidades hegemónicas. O mundo está cada vez mais dividido em blocos concorrentes, mas, em vez de sermos arrastados para estas disputas de poder, temos a oportunidade de formar algo diferente – **um bloco pela paz.**

Já demonstrámos que a solidariedade pode transcender a geografia, a política e a história. De África ao Pacífico, do Médio Oriente à Ásia e Caraíbas, o g7+ uniu países de contextos diversos sob uma visão comum: que a fragilidade não é um destino, mas sim um desafio que pode ser superado.

Se fortalecermos a nossa unidade, podemos reformular a conversa global sobre a construção da paz. Onde outros formam blocos para a guerra, podemos erguer-nos como um bloco para a paz. **Onde as potências globais promovem a divisão, podemos oferecer um exemplo de cooperação além-fronteiras.** Onde os Estados frágeis foram historicamente ignorados ou usados para ganhos estratégicos, podemos reivindicar o nosso lugar como parceiros iguais na construção de um mundo justo e pacífico.

Aproveitemos este momento, não apenas por nós, mas pelas gerações futuras. O g7+ pode ser um farol de esperança num mundo cada vez mais definido pela divisão. Mas, para que isso aconteça, devemos comprometer-nos, investir e agir juntos.

Excelências,  
Senhoras e Senhores,

O mundo está cada vez mais fragmentado, com divisões globais a aprofundarem-se e os conflitos entre potências a redesenhar o panorama geopolítico. Como a história nos ensinou, quando as grandes potências entram em confronto, são os mais vulneráveis que mais sofrem.

Mais uma vez, vemos guerras a serem travadas, não apenas nos campos de batalha, mas por coerção económica, interferência política e conflitos por procuração – muitos dos quais se desenrolam nos nossos próprios países.

Estamos perante uma encruzilhada. **Podemos permanecer como observadores passivos, deixados à mercê de forças globais que não controlamos, ou podemos erguer-nos juntos, unidos e determinados, para salvaguardar as nossas nações das cicatrizes da guerra e da pobreza.**

A escolha é nossa.

Temos nas nossas mãos o g7+, uma plataforma fundada sobre a solidariedade, a resiliência e a crença inabalável de que a paz é possível.

Espero sinceramente que esta reunião, e as discussões que iremos ter nos próximos dois dias, resultem num caminho claro e decisivo para o futuro. Um caminho que conduza as nossas nações à paz duradoura, à estabilidade e à autossuficiência.

Desejo-vos a todos o maior sucesso nos vossos trabalhos. Façamos história juntos!

Obrigadu wa'in.  
Muito obrigado.  
Kay Rala Xanana Gusmão